

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: APRENDENDO A ENSINAR APRENDENDO

Alessandro Amorim – alessandromss@gmail.com

Silvair Felix dos Santos (professor orientador) – silvair@ueg.com

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo maior relatar as experiências vivenciadas na escola Campo bem com as leituras feitas em sala de aula. Podendo assim deste modo de certa forma colaborar para o enriquecimento da disciplina nos próximos anos. Dentro deste cenário de relato salientar a necessidade de afeto por parte do educador. Fomentando a necessidade de se utilizar métodos adequados para aprendizagem e os aproveitando recursos didáticos (livro didático) oferecidos pela escola campo. Sem se esquecer é claro do preparo e planejamento de que cada aula.

Palavras-chave: Estágio de Língua Português, reflexão e aprendizagem.

Introdução (Problemática e Objetivos)

Este trabalho é um relato das experiências vividas na escola campo na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e dos momentos de reflexão em sala de aula orientado pelo professor orientador de Estágio Supervisionado na UEG.

Um dos momentos mais difíceis na vida de um acadêmico no Curso de Licenciatura é o momento do estágio supervisionado. E aí surge a pergunta. Por que? Talvez a resposta não seja tão fácil de ser dada. Pois irá depender da empiria de cada um. Mas isso depende. De que? Depende da escola campo, onde é essa escola, na periferia em um bairro de classe média; de que forma irá ser recebido pelos alunos, pelo corpo docente da escola etc. Como ensinar gramática? Como me portar diante de um momento nunca vivido antes? São estes anseios e outras questões que permeiam a mente, a alma e o coração de um acadêmico de licenciatura. E não tem jeito, somente na prática responderemos esses anseios.

Pretendo através deste relato, responder alguns destes anseios a partir das leituras de fíz e vivenciadas na escola campo e das problematizações sugeridas em sala de aula.

Referencial Teórico (Revisão da literatura)

Quando pensamos em processos de aprendizagens podemos considerar várias teorias. Tendo em vista que as teorias são imprescindíveis para tornar o processo de aprendizagem mais satisfatório e relevante. Contudo, mesmo que haja um destaque especial nos mecanismos teóricos, deve-se considerar a afetividade, fator necessariamente importante na aprendizagem escolar.

Não basta dominar técnicas, teorias ou métodos. Antes de desenvolver qualquer prática de aprendizagem, deve-se passar pelo crivo do afeto, isto é o amor. E não querendo romantizar as coisas, sabemos que falta muita coisa na escola: recursos didáticos, infraestrutura, reconhecimento justo ao professor e etc. Porém falta o envolvimento e a afetividade por parte dos educadores, e esse último, só depende do cidadão professor.

Percebi que essa discussão é longa, pois certamente haverá quem discordará dessa opinião. O que conta aqui são as leituras feitas e sentidas na escola campo. Então, notei que precisa de se envolver com alunos, e sentir suas dificuldades e não deixá-las de lado.

Depois do problema da afetividade, percebi um problema crônico e sistemático. Digo isso, pois, é uma realidade vivenciada por vários estagiários ou pelos quase todos, para não ser exagerado. Que é a perda de tempo que existe na sala de aula na escola campo. Perde-se tempo para fazer chamada, perde-se tempo para organizar as carteiras, perde-se tempo para fazer silêncio e, principalmente, perde-se muito tempo escrevendo no quadro ou na lousa.

É uma aula explicando o conteúdo, duas aulas passando conteúdo e mais uma aula corrigindo os exercícios. Pode ser que, não seja mais a impressão que transparece, é que o professor se apega ao quadro para não si envolver com a sala, e o mais grave, a aula não foi planejada para aquele momento único. É claro que uma aula pode sim, ser reaproveitada, mas o que há se considerar é que os alunos mudam, e com os alunos mudam-se os anseios, as características etc., e é neste momento que, evidente, o que está faltando é: Planejamento.

De acordo com Regina Barros Leal, existe de forma iminente, a possibilidade de se tornar robótico nas ações pedagógicas. Mas, no entanto, o foco da autora está no processo de planejar, a importância não está só no como fazer.

Se é necessário pensar para planejar, é preciso, no entanto, elaborar aulas que reflitam nas práticas educativas. O planejamento é arte, e se dá no processo de refletir, tendo em mente, o futuro. Mesmo que o planejamento seja um ato no presente, (levando em consideração o tempo verbal) na verdade a aplicação ou execução irá ser concluída do futuro. Então planejar significa: levantamento de informações, pesquisa, forma de aplicação do conteúdo, i.é., por qual caminho o educador irá passar para que haja um melhor aproveitamento na sala de aula?

Para planejar é preciso considerar: o que se pretende desenvolver? o cidadão que se deseja formar? E a sociedade que se pretende ajudar? (Leal, pg.2).

O primeiro passo segundo Leal é o de analisar o contexto. Que contexto? A saber: a quantidade de alunos, os desafios propostos pela sociedade, as condições dos alunos, o nível intelectual dos alunos. A análise levará o docente a momento de reflexão e a partir daí, desenvolverá um plano que contemple as necessidades encontradas na análise do contexto.

No planejamento, quero destacar o método. Os objetivos são importantes? Sim. Os conteúdos também são importantes? Também. Mas o que esperar de um professor? Que, no mínimo, ele tenha em mente os objetivos e que domine o conteúdo. O que faz a diferença então? Os métodos são na verdade, o caminho que oportuniza os meios mais adequados de aprendizagem. Não basta dominar o conteúdo, é preciso criar, elaborar, dinamizar situações na sala que faça da informação, conhecimentos aplicáveis e reflexivos.

Outra coisa notória na escola campo foi a rejeição e o abandono do livro didático pelos professores. Na biblioteca, pilhas e mais pilhas engavetados. Outra pergunta surge por que não usa-los? É importante salientar que o livro didático nem sempre foi reconhecido por sua eficácia. Mas há de se considerar que o livro didático passou por muitas transformações durante os anos. Essas transformações passam pelo crivo de especialista que indicam e avaliam a relevância dos conteúdos, das formas e das apresentações. Tudo isso deixa-o mais atrativo para os alunos.

Porém, o grande problema é a postura dos professores em relação aos livros. Como bem disse o professor Munakata (2010, pgs. 90, 91): “o livro necessariamente se faz presente, não como um acessório a mais, mas como um dispositivo fundamental.” O professor Munakata cita a *Ratio Studiorum* como modelo de livro didático usados pelos jesuítas para evangelização dos índios. Ainda cita o próprio Comenius, que recomendava a produção de livros apropriados e adequados para o ensino.

Em suma, o professor deve compreender o livro didático como suporte para si próprio e para o aluno. Fazer deste material relevante para o ensino depende exclusivamente do professor.

Metodologia (materiais e métodos)

Nesta parte do relato quero relatar dos matérias e métodos aplicado em sala de aula. No que se refere ao material usei de todo recurso presente para a eficácia no ensino. Em sala de aula foi usado quadro branco, Datashow e livro didático. Nas aulas de gêneros textuais os alunos sempre tiveram acesso ao suporte, por exemplo: quando tínhamos aula sobre reportagem ou notícia tínhamos acesso ao jornal, quando a aula era de poesia, poema ou soneto tínhamos também acesso ao suporte. Sobre os métodos foram aplicados a partir da observação de necessidade de cada aluno. Percebendo a dificuldade que cada um e aplicando os métodos a partir dessas dificuldade. Dentro de uma perspectiva montessoriana busquei encaixar o método dentro de uma realidade de EJA. Essa perspectiva montessoriana visa dar ao aluno uma liberdade ou responsabilidade cognitiva. Todos são capazes de aprender a partir da capacidade própria. Respeitando as características que cada aluno, mas a cada momento os instigando para o aprendizado em LP.

Resultados e discussão

Em primeiro lugar, minha primeira impressão da escola foi muito boa. Fui muito bem recebido pelos colegas professores. Mas em sala de aula à primeira vista não foi muito o que eu esperava. Existiram momentos que quis revidar, falar mais alto para mostrar quem manda. Houve momentos que gostaria de sair da sala. Nesses momentos, quis até chorar. Mas, nesses momentos difíceis lembrei que sou professor, e como professor minha missão não é somente o que tange gramática, mas através da gramática ensinar a vida. Passei a observá-los. Enquanto na sala dos professores alguns diziam “aquele menino não tem jeito”, eu dialogando comigo mesmo, dizia tem que haver um jeito.

Percebi que todos os alunos tinham muita dificuldade em Língua Portuguesa (LP). E não só em LP, mais em quase todas as outras disciplinas. E o problema era gravíssimo. Certa feita, pedi aos alunos que circulassem os substantivos próprios, eles circularam os verbos, o artigo e outras categorias. Nesse momento, me veio à mente o que os professores diziam

aqueles meninos não aprendem”. Diante disso, o que fazer como estagiário? O que poderia fazer para que, de alguma forma, pudesse contribuir no aprendizado dessas pessoas? Diante deste problema dado a reflexão passa necessariamente pelo aluno e o seu problema de aprendizagem. No caso dos alunos da EJA, o problema estava relativamente interligado à dificuldade em aprender Português. Mediante essa dificuldade ficava notório que à aprendizagem de conteúdos de outras disciplinas não seriam assim como nos exercício de LP bem efetuados. Neste momento achei importante desmistificar a relação que alunos fazem entre o Português (Gramática) e a vida. Não era raro ouvi-los dizer: Nós não sabemos português. Como assim? Que línguas vocês falam então? E todos respondiam Português. Então eu dizia: “Vocês sabem falar Português. É a língua materna de vocês.” Esta simples descoberta lhes fizeram muitíssimo bem ao ego. A partir daí o ensino de gramática se tornou prazeroso e divertido às vezes. Os alunos de certa forma perderam o medo de falar e expor suas ideias. Mesmo que as vezes ou quase sempre suas falas estavam equivocadas. Mesmo assim, e a partir daí que notei o progresso e a sensação de que, mais uns anos de aula como aquelas aulas os tornariam pessoas mais críticas e conscientes.

Considerações Finais

Somadas as experiências vivenciadas no estágio supervisionado como um todo, chegamos a uma conclusão. O estágio assim como muitas coisas na vida é um divisor de águas.

E é neste período de provação que diremos de que lugar falamos e para quem falamos. Saio do estágio com a sensação de dever cumprido, e não me refiro somente as atividades na escola campo e na Universidade, mas ao de ser professor e, de alguma forma, ter contribuído na vida de muita gente, me refiro à escola e aos alunos. Tendo em vista de que o trabalho nunca acaba, e que a Educação ainda é a esperança de um País.

Referências

CAMBI, F. História da Pedagogia. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

LEAL, Regina Barros. Planejamento de Ensino: peculiaridades significativas. Revista Iberoamericana de Educação.



UEG UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE GOIÁS



**ESTADO
DE GOIÁS**

ANAIS - Seminário de Estágio Supervisionado do Campus Anápolis de CSEH-UEG: as decisões nas políticas públicas nacionais, estaduais e institucionais com reflexos na formação profissional.

10 e 11 de novembro de 2016 - [ISSN Eletrônico 2447-5769](https://doi.org/10.24477/issn.2447-5769)

MUNAKATA, Kazumi. Livro didático e formação do professor são incompatíveis? Congresso Brasileiro de Qualidade na Educação. Formação de Professores. 2001/10, São Paulo.